

O CÉRCO DA LAPA

Cap Art
EDISON RIBEIRO

ANTECEDENTES — Com a Proclamação da República, iniciou-se um período de completa transição e do qual temos notícias de desmandos, assassinatos, praticados por homens que tinham as rédeas do poder nas mãos.

No Rio Grande do Sul, onde se fizeram sentir mais intensamente êstes fatos desabonadores dos primórdios da República, homens descontentes, dissidentes do Partido Republicano, monarquistas, unem-se em oposição a Júlio de Castilhos, o Presidente do Estado. O partido por êles fundado passou a chamar-se Partido Republicano Federal, ganhando assim um sentido mais amplo, mais nacional. Em virtude da generalização popular, seus adeptos foram chamados de "federalistas". E nestes, Gaspar Martins, que defendia a tese parlamentarista, Demétrio Ribeiro, foram homens influentes que deram fôrça à luta fratricida denominada "Revolução Federalista", a qual culminou com o cérco histórico, onde lances de extrema bravura e sendo do dever foram vistos pela opinião pública brasileira.

Um outro fator importante, o qual veio dar ênfase à Revolução Federalista, foi, sem dúvida, a revolta da Esquadra. Seus chefes, o Almirante Wandenkolk e, mais tarde, o Contra-Almirante Custódio José de Melo, levaram um apoio fantástico aos rebeldes, pois, em pessoal e material, foi possível o aumento das fôrças federalistas.

Assim, o movimento considerado regional porque sómente abrangia o Estado do Rio Grande do Sul, tornou-se nacional. Duas unidades da federação foram invadidas por tropas terrestres e navais, vindas daquele Estado, foco da revolução. Corria sério perigo então a jovem República e também o insigne Marechal Floriano.

Muitos foram os fatos relacionados com o despontar da nossa República e que culminaram com as lutas sangrentas do sul do país, no entanto nos eximiremos de comentá-los neste artigo, pois daria motivo a que se escrevesse alguns livros e já outros escritores ocuparam-se disso.

SITUAÇÃO TOPOGRÁFICA DA LAPA — Situa-se esta cidade e município em um planalto de altitude média de, aproximadamente, 850 metros. Em sua parte leste, correndo em direção ao norte, notamos um movimento de terreno, assemelhando-se a um paredão, denominado

ALTOS DA LAPA. Torna-se um obstáculo de grande valor militar se aí colocarmos tropas em defensiva, pois, tem comando sôbre região bastante profunda na direção geral de Curitiba. Por outro lado, a cidade em sua região sul, nos fornece vistas sôbre a estrada que liga a Rio Negro, ponto também de fácil defesa. Na região oeste bem como na norte, alguns movimentos pouco pronunciados, ressaltando-se a oeste o **ALTO DA CRUZ**. Estas duas regiões facilitam incursões, tornando, pois, a cidade mais vulnerável.

Avizinha-se de Curitiba por uma distância de 65 km; de Rio Negro, na divisa com o Estado de Santa Catarina; de São Mateus do Sul e também de Pôrto Amazonas, às margens do Rio Iguaçu.

HIDROGRAFIA — Além de uns poucos riachos sem importância militar, notamos o Rio da Várzea (onde foram travados combates pelas forças de Gomes Carneiro e Piragibe). Há também certa proximidade para o leito do Rio Iguaçu, que é navegável a partir de Pôrto Amazonas, por embarcações de pequeno calado, durante quase todo o ano.

CLIMA — O Município situa-se no Planalto de Curitiba, com uma altitude média de 850 metros. Por efeito da altitude possui um clima privilegiado, sendo notável a salubridade em certos lugares. A temperatura média anual é cerca de 16 graus, sendo 17 no verão e 11 do inverno. O mês mais quente é janeiro e o mais frio, junho.

LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES — Ligava-se esta cidade a Curitiba por intermédio de uma estrada de ferro e o Rio Negro, por intermédio de estrada de rodagem. O principal meio de comunicação da época era o telégrafo.

A LAPA DE HOJE — Atualmente, a cidade tem apresentado um índice de crescimento bastante acentuado, fruto exclusivo da operosidade de seus administradores bem como de seus habitantes, os quais em sua maioria, são membros de famílias tradicionais.

Possui uma Organização Militar importante para a região, o Primeiro Grupo do Quinto Regimento de Obuses Cento e Cinco. (1º/5º RO-105).

MISSÃO ÁRDUA — Ao chegar em Lapa, vindo diretamente do Rio de Janeiro (percurso feito de São Paulo até Lapa a cavalo) é por ordem pessoal do Marechal Floriano, o Coronel Gomes Carneiro veio encontrar a tropa em completa inércia, sem treino militar, sem espírito combativo. Urgia que se fizesse algo para melhorar o ânimo e levantar o moral daqueles homens.

Por outro lado, Argôlo recebe-o com desagrado, criando tôdas as dificuldades possíveis antes de passar o comando, talvez que motivado pelo fato de sua substituição.

O seguinte episódio deu margem a que Floriano nomeasse Carneiro para Comandante daquela importante praça da República:

— Argôlo, tendo reunido forças, dispôs-se a atacar o adversário. ultrapassa os rios da Várzea e Negro, acampando em Rio Negrinho, já no Estado de Santa Catarina, seguindo daí para São Bento, onde se proclama Presidente do Estado. Recebe notícia então que Piragibe está à sua frente, com 400 homens e seis bôcas de fogo. Manifesta desejo de avançar, porém novas notícias dizem que Juca Tigre pretende atacá-lo pela retaguarda. Receando um envolvimento, retira-se, vindo por Lençóis, Rio Prêto, Rio Negrinho, atravessando o Rio Negro em balsas e neste último aguarda o inimigo. Trava-se o primeiro combate. Muito embora a sorte lhe seja favorável neste contato e sempre receando ser envolvido, empreende a marcha retrógrada na direção de Lapa, onde faz o seu reduto.

Gomes Carneiro, militar de diversas campanhas vitoriosas, fala em avançar, atacar, não quer bravura apenas mas para vencer, situando sua manobra em um quadro tático, conforme veremos no decorrer desta narrativa. Argôlo, espírito oposto, só pensa em defender. No entanto, Carneiro bem sabe que a tropa está desmoralizada e após assumir o comando, sem perda de tempo inicia a preparação militar daquele punhado heterogêneo de combatentes, que por questão de poucos dias tornar-se-iam heróis.

Depois de uma preparação inicial já a tropa foi empregada num pequeno encontro. Éxito. Carneiro vibra. Portaram-se valentemente. Estava iniciada a campanha recuperadora. Enquadando, efetuando pequenas incursões, distribuindo missões individuais, Gomes Carneiro foi obtendo homens aguerridos, valentes, fortes e moralizados. A necessidade do moral alevantado far-se-ia sentir mais tarde, durante o cerco.

O Coronel Lacerda, chefe político e homem influente, sob cujas ordens servia a 2^a Brigada, pensava em identidade com Argôlo — defender. Não desejava ele empreender sequer uma ação ofensiva. Carneiro, no entanto, iniciou a conquista daquele homem, exercendo sua influência de chefe e líder, pois, era mister empregar o movimento, e assim se quisesse avançar, atacando, deveria obter a colaboração valiosa do Coronel Lacerda e sua Brigada. Tanto trabalhou e tanto deu provas de capacidade, pois era o seu plano fundamentado em que se atacassem os “maragatos” ainda fora do Paraná a ação seria vitoriosa, que o Coronel Lacerda começa a concordar, dando o apoio desejado a Carneiro.

A DIVISÃO CARNEIRO — Estado-Maior: Cel Carlos Napoleão Poeta, Ten-Cel Líbero Guimarães, Ten-Cel Emílio Blum, Cap Homem Bom Justo Cavalcante (todos da Guarda Nacional); Ajudantes-de-Ordem: Ten de Cavalaria Raymundo Gonçalves de Abreu e Arsênio Anésio Alves da Cunha.

Os Serviços eram representados por duas Seções:

1^a — Pessoal — Cap Lauro Muller, Deputado do Ajudante-General.

2^a — Material — Major Felipe Schmidt, Deputado do Quartel-Mestre General, com os encargos de aprovigionamento, subsistência, material bélico e serviço de fundos.

A Divisão além das Brigadas contava ainda com a seguinte tropa:

8º de Cavalaria (um piquete) — Ten de Cavalaria Odílio Bacelar Randulfo de Mello, constituía a escolta do comando, com 37 homens.

1^a/3^o Artilharia — Cap Augusto Maria Sisson — 51 homens.

Serviço de Engenharia (Pelotão de Sapadores) — Engenheiro Civil Joaquim Francisco Gonçalves Júnior — 23 homens.

1^a Brigada:

Comandante — Cel Julião Augusto Serra Martins.

Ajudante-de-Ordens — Alferes Raymundo Bayma da Serra Martins e Adalberto Menezes.

Assistente — Alferes José Lourenço de Carvalho Chaves.

17º Btl Inf (com 2 metralhadoras) — Cap Theodorico Gonçalves Guimarães (este Btl foi reforçado com 60 patriotas) — 132 homens.

Regimento de Segurança — Tenente de Cavalaria comissionado em Coronel Cândido Dulcídio Pereira — 146 homens.

Franco Atirador — J. Bevilacqua — 82 homens.

18º da Guarda Nacional:

2^a Brigada:

Comandante — Coronel Joaquim Lacerda.

Ajudante-de-Ordens — Alferes do 15, Aluno da Escola Militar Francisco Manoel Teixeira de Mello e Tenente Alberto Weignard.

Assistente — Cap Leônio Correia.

18º de Inf e mais 11 homens do 108º de S. Paulo — Tenente de Infantaria comissionado no posto de Coronel Augusto Villas Boas — 97 homens.

13º de Cav da Guarda Nacional e mais 7 homens do 111º de S. Paulo — Cel João Pacheco dos Santos Lima — 88 homens.

Btl 15 de Novembro — Cel João Antônio Ramalho — 93 homens.

Btl Floriano Peixoto — Dr. José Amintas da Costa Barros — Reserva da Guarda Nacional — Domingos Garcia — 41 homens.

3^a Brigada:

Esta foi mandada para Ambrósios, constituída da ala do 17º de Inf, 18º da Guarda Nacional (parte), ala do 18º de Inf, Guarda Nacional da Lapa, ala do Regimento de Segurança.

O ARMAMENTO — A Infantaria estava armada de fuzis Miniet, Tower, Chassepot, Comblain, Mauser, Manlischer.

A Cavalaria possuía Marlin e Spencer. Os atacantes além dessas armas possuíam o Krupatschek.

A Artilharia com canhões Krupp 7,5, tiro lento, 2 canhões Wittworth de 4 libras, 1 La Hite, de bronze, 2 metralhadoras Nordenfeld pequenas. Os atacantes tinham 4 canhões-revólver e 2 Nordenfeld grandes além dos Krupp.

PRIMEIRAS OPERAÇÕES — Carneiro transmite ordens ao Tenente Bacelar para destruir as embarcações que se encontravam no Rio Iguacu com a finalidade de dificultar a ação dos adversários. O Tenente Bacelar, depois promovido a Capitão por ato de bravura, desincumbiu-se a contento desta missão.

Aos 6 de dezembro de 1893, elementos avançados legalistas repelem no Rio da Várzea fôrças de Piragibe.

Aos 7, novamente é tentada a passagem pela ponte do Rio da Várzea, na estrada que liga Lapa a Rio Negro, pela vanguarda de Piragibe. Héróicamente a posição é defendida e o inimigo repelido.

Mais uma vez ainda Piragibe volta a atacar a guarnição da ponte, porém, Carneiro, homem de previsão, mandou reforçar aquèle pôsto à noite. E enquanto se desenvolve a luta, eis que intervém com reforços causando 60 baixas ao inimigo, 20 prisioneiros e mais o material bélico que fica no campo de luta. Para os legalistas apenas um bravo morto a lamentar. Nesta refrega foram feridos 2 oficiais de Cavalaria e 3 soldados.

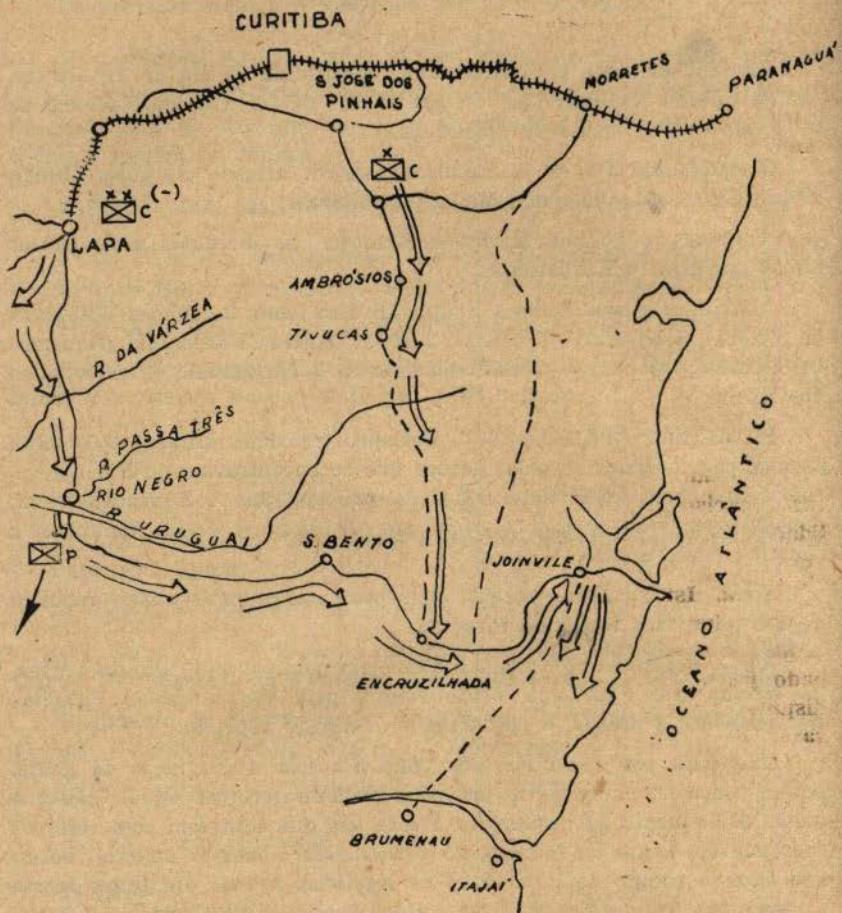
Durante todo este tempo o Cel Carneiro esperou pelo auxílio que deveria vir de Itararé e se assim acontecesse iniciaria a ofensiva que planejara meticulosamente. Convém ressaltar aqui, ele jamais perdeu a esperança em ver aquela tropa, pois, acreditava, plamente, na vitória da legalidade bem como em seu amigo, o Marechal Floriano.

O PLANO DE OPERAÇÕES — SITUAÇÃO DOS BELIGERANTES — O documento que se segue vem esclarecer o plano ideal de combate, bem como a situação das fôrças em luta no teatro de operações dos Estados do Paraná e Santa Catarina (Fig. 1).

“6 de dezembro

Do Coronel Gomes Carneiro ao Marechal Enéas Galvão.

Telegrama n. 108 — Lapa — 6 — 12 — 93 — Marechal Floriano



"CROQUIS DO PLANO DE OPERAÇÕES DO
CEL GOMES CARNEIRO"

(Fig 1)

e Enéas — Rio — Rogo-vos acompanheis meus telegramas pelo mapa zona colonial do Paraná contido no folheto publicado pelo engenheiro Manuel Correia para exposição Chicago de que inspetoria terras colonização deve ter exemplares. Estou colocado Lapa. Tenho fôrças estrada que passa Ambrósio e que está colocada diante S. José dos Pinhais cobrindo Curitiba e preparo aquela e esta fôrça para tomar ofensiva logo chegue refôrço. A partir ponto mapa designa nome encruzilhada até Vila Rio Negro estrada geral oferece vários caminhos transversais sobre Paraná que dão passagem infantaria e cavalaria. Minhas partidas observam constante pontos passagem Rio Negro, onde êsses caminhos vêm ter. Quanto a Morretes, Paranaguá e Antonina que estão abaixo serra, devem ter defesa à parte, de que está encarregado Coronel Eugênio de Melo, que está Paranaguá e Curitiba é centro apóia todos pontos, embora infelizmente não haja ali fôrças nem mesmo de patriotas ou Guarda Nacional, que possa tranqüilizar. Se vier como tomei liberdade lembrar para Palmeira fôrça paulista sob comando Coronel Ferreira que veio para Itararé disposta avançar caso preciso ficará defesa Paraná bem distribuída oferecendo facilidade possível de mútuo socorro embora a fraqueza de alguns pontos por falta infantaria e mesmo também armamento comblain munição artilharia. Isto quanto à defesa. Para a ofensiva avançará daqui minha coluna e bem combinada que está na ESTRADA dos Ambrósios procurando envolver Piragibe que está perto Vila Rio Negro acampado junto Rio Negrinho ou pelo menos obrigando a retirar-se sem disputar passagem Rio Negro, Negrinho e Prêto em que teria posição vantajosa. Feita minha junção com coluna estrada Ambrósios avançarei sobre Joinville objetivo forçado porque além da estrada geral não há sequer picada antes de Joinville para entrar Santa Catarina; de Joinville meu objetivo deve ser Blumenau ou pela costa passando pela cidade Itajaí ou melhor se possível fôr diretamente pelo picadão hoje existente e que está marcado como estrada projetada no mapa topográfico de Santa Catarina publicado pela repartição terras e colonização em 172. Em Blumenau terei forte auxílio partido republicano e poderei seguir qualquer ponto aquêle Estado. Se Lima houver chegado Blumenau é por Joinville e só por ali que nos poderemos juntos irmos Lima, Rio caso Gomercindo dirija-se Paraná ou avançando eu logo receba refôrço sobre Piragibe a fim de penetrar Santa Catarina. Se Gomercindo perseguido por Lima tomar rumo sul para onde parece irá embora Piragibe o chame muito, por ter melhores caminhos mais recursos, poder apoiar-se na esquadra, fazer junção com Salgado e tentar reentrar campos de S. José, pela colônia militar a Laje que Lima de passagem talvez não tivesse feito guiar embora ofereça esplêndidas posições em que poucos homens podem deter uma coluna desespêro pela falta de tropa que me permita tomar ofensiva que seria de incalculáveis vantagens não só para varrido Piragibe encurralar Gomercindo e Salgado como para não deixar Lima e Artur Oscar sem auxílio — Coronel Carneiro."

Por êste telegrama vemos a capacidade de pensamento e tática de que estava altamente imbuído o "Homem Forte da Lapa". Previu uma ação ofensiva que lógicamente daria certo e que se levada à execução, com o apoio esperado, o sucesso sorri-lhe-ia e talvez um novo rumo houvesse sido dado à revolução.

Por outro lado, o seu espírito humanitário jamais olvidou os companheiros, como bem diz no final do telegrama "para não deixar Lima e Artur Oscar sem auxílio".

UMA ORDEM — Muita embora o otimismo reinante na Praça da Lapa (pois era pensamento geral que os revoltosos não chegariam a Curitiba e sim escapariam para o sul) fôsse um bom presságio no ardor e espírito de combate, chegam ordens taxativas de Floriano, mandando Gomes Carneiro esperar pelo refôrço de Itararé e que não tomasse nenhuma atitude ofensiva até que seu efetivo se elevasse a 2 ou 3 mil homens.

Em telegrama, o Marechal Floriano tem uma resposta que lhe deveria ter aberto os olhos, Carneiro foi claro e preciso em suas idéias.

"19 de dezembro de 1893"

"Telegrama n. 358 — Lapa, 19 — 12 — 93 — Marechal — Rio — Tinha dado ordem marcha tôda coluna quando recebi hoje vosso telegrama. Entendia que era necessário atacar, fôsse como fôsse, desde que nossos irmãos lutavam para impedir concentração de fôrças contra êles. É verdade que dispendo apenas de 500 homens, não contando os patriotas ainda não preparados convenientemente, mas meu dever era marchar e nesse sentido dei as ordens apenas tive noticia que vos transmiti, aliás de acordo na parte mais essencial remessa de auxílios de Piragibe para os outros chefes, como depoimento dos prisioneiros. A vista de vossas ordens espero um pouco sempre em atitude de marcha, e aproveito o tempo completando a organização e fazendo largas partidas que vão dando bons resultados dissolvendo federalistas locais, tirando-lhes recursos que pretendem reunir para enviar a Santa Catarina desmoralizando-os e aguerrindo nossas fôrças; ainda esta noite partiu uma fôrça de infantaria e cavalaria para além do Rio da Várzea, ao passo que outra só de cavalaria bate outros pontos importantes. Pedi diretamente ao Presidente de São Paulo apressar marcha, não obstante deixar a maior parte ou mesmo os patriotas daqui. Piragibe e seus auxiliares paraenses votam ódio de morte a nosas fôrças, principalmente, o que muito nos lisongeia. Espero ansioso Pimentel que é excelente auxiliar. Causou dizem pelos arraias federalistas grande impressão derrota que sofreram Rio da Várzea; últimas informações dão mais de 60 mortos e da melhor gente, 17º e 25º sem falar feridos. Espero nestes dias notícias por Curitibanos e a todo momento da frente. Nossa coluna dos Ambrósios foi reforçada para avançar; para êsse

fim conferenciei com o General Pêgo e Governador. Creio que se preparam importantes acontecimentos favoráveis à República. Manilchers que Argôlo trouxe foram dados 200 polícia dêste Estado, nesta coluna; 100 aos patriotas Curitiba. Viva a República!"

Coronel Carneiro."

A ordem dada por Floriano e mais a assunção do comando do 5º Distrito Militar pelo General Pêgo, vieram como prenúncio do desastre.

COMEÇO DO FIM — Pêgo age mal no comando do 5º Distrito. Carneiro adverte-o enérgicamente.

A situação agrava-se.

"O Guerreiro da Lapa" quer tomar a ofensiva.

Piragibe e seus maragatos mostram-se acovardados após o revés da ponte do Rio da Várzea.

Em vez dos reforços almejados Carneiro vê ir por água abaixo o seu plano ofensivo. Pêgo não lhe dá apoio.

Com a ajuda da esquadra os adversários assaltam Paranaguá, ameaçam Tijucas, ficando por certo na rota de Curitiba. Pêgo aferra-se à defensiva, com isto retira vários contingentes da reduzida tropa de Carneiro. Esboroa-se completamente a ação montada pelo "Comandante da Lapa" ficando prejudicado o dispositivo que talvez viesse facilitar e acelerar a vitória do regime.

Cai Paranaguá, Tijucas se vê fortemente assediada. Elementos revoltosos dirigem-se para Lapa.

O General Pêgo nada mais quer ver e quase tão rápido como o heróico Coronel Carneiro chegou à Lapa, foge a tudo abandonando.

O CÉRCO — Em Tijucas após estas últimas notícias, rende-se a guarnição, entregando aos revoltosos copioso material bélico, inclusive munições. Era o início da derrocada, pois já as fôrça de Gumercindo receberam um grande auxílio.

Após esta série de vitórias fáceis e à custa de pouco sangue, com farto material bélico, munições, efetivos aumentados com as adesões, avançam as tropas rebeldes, celerados à procura de novos pescoscos para a degola. Nada consta que Gomerindo ou Laurentino ou mesmo Piragibe fôssem monstros degoladores, porém, se não praticavam tão hediondo ato, nada faziam para que êste crime abominável fôsse reprimido.

Mas os fados não lhes favoreceriam muito. Na Lapa existia um mito — Antônio Ernesto Gomes Carneiro, o chefe incansável, o comandante bravo, que estava em todos os lugares onde fôsse mister sua presença. Ele penetrou tão profundamente no coração e corpo daqueles

heróicos defensores, numa identidade tão perfeita, que nem dez vêzes mais atacantes os assombrariam.

Os dias 18, 19, 20 e 21 decorreram em relativa calma. Continuaram os trabalhos de fortificação e, quanto ao combate, alguns tiros esparsos se sucederam.

No dia 22 de janeiro, após a retirada de Pêgo e seu Estado-Maior para São Paulo, o inimigo inicia a infiltração de suas tropas pelas matas que bordeiam a cidade pelo lado leste (Alto do Monge). E é o General Mario Tourinho, por intermédio do seu depoimento transcrito dos Anais da Revolução, quem nos relatará os pormenores dêste cerco notável e histórico:

— *"Pela manhã um pequeno grupo de cavaleiros, um dos quais trazendo uma bandeira branca, descia daquele morro para parlamentar ou entregar alguma mensagem."*

Carneiro, avisado, compareceu imediatamente ao local e começou a bradar que não se aproximassem; que retrocedessem, pois, não confabularia com indivíduos fora da lei e que se insistissem mandaria fazer fogo.

E como continuassem a caminhar, porque pela distância não poderiam ouvir, foram recebidos por diversas salvas de infantaria.

A vista da resposta tão incisiva deram volta e a todo galope, galgaram o Monge.

Em seguida do alto do Monge, canhões abrem fogo sobre a cidade e da orla da mata rompe cerrada fuzilaria.

Sem demora o combate se generaliza, abrangendo grande arco a leste da cidade. Apoiados pela artilharia da praça da cadeia, o 17º de Infantaria, o 18º da Guarda Nacional e uma companhia do Regimento de Segurança estendem seus atiradores e, fazendo centro de resistência em uns alicerces existentes no local revidam o ataque, expulsando o inimigo que retira apressadamente para a espessura da mata.

Desconheço o número de baixas de parte a parte, mas Serra Martins e o 2º Tenente Cesar Franco saíram ligeiramente feridos por bala de fuzil.

Na retaguarda, isto é, ao norte, a ofensiva se desenvolvia com vigor.

Joaquim Lacerda com sua Brigada apoiado pela Artilharia de Arôllo, de Lebon Régis, já postada no alto da Rua Boa Vista, de Ascendino e de Capella, com sua metralhadora, oferece formal resistência.

Em dado momento cessa o fogo e pelos Coronéis Lacerda e Dulcídio são recebidos os negociantes José Loureiro e Arthur Balster, estabelecidos em Curitiba e que pretendiam parlamentar em nome do comércio dessa cidade.

Carneiro comparece muito aborrecido, porque pela manhã já havia deixado bem definida sua atitude relativamente a qualquer entendimento com o inimigo, fato que sendo do conhecimento de todos, não poderia ser ignorado por aquêle comandante.

Antes desta ocorrência haviam permitido também a entrada na cidade do Ten Chiquet, vindo, em nome do Coronel Adriano Pimentel, comunicar a retirada de Pêgo e a queda de Tijucas.

Dai a sua grande irritação, tratando de maneira brusca e ríspida aquêles senhores, negando-lhes o direito de falar em nome do comércio sobre assunto cuja solução só seria dada pelas armas.

Não recebendo o ofício que traziam, mandou que se retirassem.

Após êstes incidentes, recomeçou o combate, agravado pelo emprêgo de novos elementos lançados à luta.

O esforço foi tão desmedido que parecia querer o inimigo liquidar definitivamente a Lapa neste dia, arrancando "êsse osso que nos atravessa a garganta", expressão de Angelo Dourado em seu livro "Os Voluntários do Martírio".

Continuando cada vez mais forte a pressão, os nossos foram cedendo terreno, abrigando-se nas trincheiras, deixando em mãos do inimigo o engenho Lacerda, o Cemitério e a Estação da Estrada de Ferro.

Em vista de tão crítica situação, resolveu o Cel organizar, às pressas, um destacamento com elementos do 17º Batalhão de Infantaria, do 18º da Guarda Nacional, do Regimento de Segurança e dos Batalhões Floriano Peixoto e 15 de Novembro, sob o comando do Major Ignácio Costa, o qual em felizes e bem sucedidos contra-ataques, retomou o Cemitério, o engenho Lacerda, e, ainda, expulsou o inimigo das matas adjacentes.

Ao mesmo tempo, Clementino Paraná, auxiliado pelo Alferes do 18º da Guarda Nacional Alberto Polak, tomam a estação a ponta de baioneta, depois de cerrado fogo de fuzilaria. Infelizmente, porém, caem gravemente feridos e o inimigo reconquista a posição que ficou como perigosa cunha cravada à ilharga da Lapa.

David Carneiro, em seu livro, conta que Carneiro ao encontrar-se com Clementino tomou-lhe a mão e comovido disse "Há de a República recompensá-lo, meu caro. O seu nobre esforço não será em vão. Trabalhar pela República é obter a glória."

Promessa que não pode ser cumprida!

Infeliz Clementino, a República só lhe foi madrasta!"

Findo o combate, é de supor que o inimigo tivesse tido, na qualidade de atacante, grande número de baixas.

Do nosso lado, segundo o diário de Clemente Argolo, tivemos 8 mortos e 14 feridos.

Este combate veio provar exuberantemente a exigüidade do efetivo, porque o existente estava adstrito a exclusiva defesa de trincheiras.

Carneiro não tinha uma reserva que lhe facilitasse montar contra-ataques ou surtidas, ou a acudir a qualquer ponto, severamente atacado.

Para suprir esta falta forma então um destacamento com elementos de sua já debilitada defesa, para com isto ter uma tropa de manobra a ser lançada a qualquer momento e em qualquer setor.

Os dias 23, 24, 25 e 26, foram calmos relativamente, ocupando-se os dois lados a caçarem os desocupados que se descebrissem.

Um problema grave que se iniciou a seguir foi o das deserções, pois, após notícias recebidas da queda de Tijucas, os defensores começaram a fraquejar.

Assim diz o General Mario Tourinho:

— "Era assustador o diminuir de nossa gente: mortos, feridos, doentes e agora desertores."

O dia 27 transcorreu com algumas alterações, tais como:

— retira-se a guarnição que defendia o cemitério, fato este logo aproveitado pelos sitiantes que aí colocaram um canhão Krupp, um tiro rápido e uma metralhadora.

— retira-se a guarnição do Alto da Cruz, elevação situada a sudoeste da cidade, sob a proteção da artilharia do largo da cadeia.

Assim completaram-se neste dia as operações dos sitiantes visando o cerco.

Continuando a narrativa o General Mario Tourinho diz:

— "A situação era demasiadamente aflitiva.

A cidade apresentava um quadro desolador: casas com as paredes esburacadas pelas balas, outra quase em ruínas, animais mortos a empestar o ambiente, os homens depauperados pela escassez de alimentos, as fisionomias cansadas por infinhas vigílias, enfim, todo o cortéjo de calamidades decorrentes de um sítio prolongado em local sem recursos, ali se exibia à nossa contemplação, na sua realidade tragicamente consternadora! . . .

A 28, bem próximo das trincheiras, o inimigo manteve viva fuzilaria, entremeada de disparos de canhões.

Não tendo, porém, saído de sua posições não passou de fogo de inquietação para exaurir o já esgotado defensor.

Em a noite dêsse mesmo dia, às 23 horas mais ou menos, tanto na frente da cadeia, como no lado do cemitério, ouviu-se claramente o sinal, bem conhecido de infantaria carregar.

Era o assalto a baioneta!

O timbrê especial do instrumento revelou que, pela primeira vez, íamos entrar em contato com fôrças da Marinha de Guerra.

Tinham chegado naturalmente para reforçar os atacantes e liquidar de vez êsse "osso" atravessado à garganta de Gomercindo.

Com efeito mais tarde soube que Cotrim, distinto oficial da Armada, ao passar por Curitiba, com seus marinheiros, prometera tomar a Lapa a golpes de machadinha.

Encalhado o navio, julgou fácil a abordagem, mas, repelido com energia mais forte que a sua afoiteza, malogrhou-se-lhe o intento de tal sorte que, dois dias depois, prestavam-lhe os companheiros sobreviventes da aventura, honras fúnebres em Curitiba.

A Lapa continuava ainda de pé e seu comandante como sempre, percorria todos os pontos da defesa, estimulando a econselhando seus comandados, prometendo o térmo final de tantos sofrimentos com a próxima chegada de socorros que já estavam em marcha.

Mas a Lapa definhava; as deserções continuavam; o batalhão de reserva quase desaparecido e dos 60 civis que Lacerda mandara para reforçar o 17º Batalhão apenas restavam 16.

Nesta fase da luta, os mortos, os feridos, os doentes e, principalmente os desertores fizeram cair assustadoramente o efetivo da guarnição a uns 500 homens, dos 900 existentes no começo, o que significava, de modo inverso, menor número de defensores distribuídos no perímetro da luta.

A munição, principalmente de artilharia, escasseava e a poupança foi recomendada por Sisson.

Esgotadas as lanternetas ou caixas de metralha, outras foram fabricadas com os recursos da cidade.

Os dias sucediam-se no mesmo ritmos tiroteios, caçadas, disparos de artilharia furando paredes, desmantelando cumeeiras.

A cavalaria, encerrada num pomar, à ração escassa, definhava rapidamente, até que, em risco de morrer de inanição, foi transferida para um potreiro próximo, o que equivaleu a entregá-la ao inimigo.

Chuvas constantes transformavam as trincheiras em profundos lamaçais.

Cochilar o artilheiro molhado na canhoneira e o infante no encharcado terreno era coisa comum.

A 2 de fevereiro, em seguida a um toque de "infantaria carregar", desencadeou o inimigo um outro grande ataque abrangendo o Norte, o

Sul e o Leste, isto é, a face do cemitério, a Rua da Cadeia Velha e a frente da Câmara Municipal, mas, ainda desta vez, foi repelido depois de um duro combate de cerca de 2 horas, acredito que com grandes baixas, tal a pequena distância a que chegou das 4 trincheiras que fechavam as transversais da Rua da Cadeia Velha.

Da nossa parte, tivemos a lamentar, além de outras, a morte do bravo Alferes do Floriano Peixoto, José Charcot.

A distância que nos separava dos contendores era já tão pequena que, no dia 3, depois do toque de revista e do Hino Nacional, ouvimos vivas que davam ao Gen. Piragibe.

E os reforços prometidos, ansiosamente esperados?...

Não era de crer que o Marechal Floriano, o Ministro da Guerra e Bernardino de Campos, Presidente de S. Paulo, tivessem deixado de tomar providências urgentes para socorrer a Lapa. E, na verdade tomaram mas o reforço enviado marchava tão lentamente que quando viesse a chegar — se chegasse — já a cidade teria sucumbido.

Dizem que assim fazia para aguardar à distância, esclarecimentos que lhe viessem da situação e o certo (que vimos a saber mais tarde) é que, a certa altura, virou os calcanhares e com tal açoitamento que, para se safar o mais depressa, se aliviou das próprias armas.

A vista de tal demora resolveu Carneiro enviar alguém que partisse a seu encontro.

Para a missão no momento tão perigosa e delicada foi escolhido o Cap da Guarda Nacional Homem Bom Justo Cavalcante.

A dificuldade consistia em furar o cerco.

O inimigo com liberdade de movimento, espalhado pelas adjacências da cidade, poderia aprisionar Homem Bom, logo à saída.

Faz-se preciso forçá-lo a reunir-se em seus postos de concentração, abrindo brechas para facilitar a fuga. Com esse fim lança-se mão de um estratagema. Tudo disposto para a viagem, às 21 horas do dia 3, hora da revista, solta-se um foguete que, ao espoucar, e seguido do toque de sentido e reunir, repetido em todos os ângulos da cidade. Minutos depois sobe um segundo foguete, a que se segue profundo silêncio. Então Homem Bom, acompanhado de vagueano, galga a trincheira e desaparece na escuridão da noite para não mais voltar.

Impaciente o inimigo com cerco tão demorado, embaraçando-lhe operações futuras, imaginou um ardil para atrair a guarnição a combater fora das trincheiras.

Na manhã de 4, sua artilharia passou a atirar para as bandas da estação Capivari, ouvindo-se a distância, o crepitante da fuzilaria.

O Cel Carneiro, porém, suspeitou do embuste e deixou que malbaratassem as munições sem proveito.

Pela madrugada de 7, as fôrças de Vasco Nunes Pereira, vindas talvez da Estação da Estrada de Ferro, penetram na Ruas das Tropas, e invadem casas e quintais que dão para a Rua Boa Vista, enquanto que outros procuram fazer o mesmo, entrando pelos fundos do quartel do 18º da Guarda Nacional, de modo a tomar com o fogo, de enfiada e de revés, a trincheira do largo da Cadeia.

Pressentidas, porém, pela defesa do reduto Carneiro, situado na extremidade da transversal que liga aquêle largo à Rua das Tropas, são repelidas por Cândido Pamplona auxiliado por Ricardo Stigler e retrocedem em debandada.

Ainda naquela madrugada de 7, a infantaria de Torquato Severo toma posição nos quintais da "Casa das Três Nações", também na Rua das Tropas, para atacar pela frente a trincheira da Cadeia.

Aguardavam solertos o momento para desfilar o mais forte e terrível ataque até então levado a efeito.

Ao clarear do dia a artilharia adversa prepara o ataque de suas posições do Cemitério, Alto do Monte e Boqueirão.

Clemente e Lebon contrabatem a do Cemitério e os canhões de Cesar Franco e Mario Tourinho, da Praça da Cadeia, a do Alto do Monge e Boqueirão.

Em seguida uma cinta de fogo de infantaria cerca a pequenina cidade.

Serra Martins ao Sul, Joaquim Lacerda ao Norte, com bravura dirigem seus comandados.

Carneiro, parecendo ter o dom da ubiqüidade, mostra-se em todos os setores, emprestando ânimo, estimulando e gritando: Resistir porque a vitória é nossa. Não entrarão!

Do seu lado, o inimigo jogava gente fresca no combate que recrudesca num crescente de fogo, mas, não se atrevem a tentar o assalto às trincheiras, a peito descoberto.

Em dado momento, das janelas de uma casa situada no ângulo da Rua Boa Vista com a transversal à Rua das Tropas, transversal defendida pela trincheira do Ten Henrique José dos Santos, do "Floriano Peixoto", e onde estava assentado o canhão de Lebon Regis, de flanco e de enfiada a guarnição da trincheira e serventes do canhão foram atacados. Seriam aproximadamente 8 horas.

Embora apanhados de surpresa, reagem na altura da agressão apesar de terem sofrido regular número de baixas.

Lebon, com seu cabo apontador ferido e mais 3 serventes fora de combate, fica na impossibilidade de manejar o canhão e Henrique dos Santos vê a defesa perigando com a queda de não menor número de homens.

Retiram para o lado oposto da rua, junto a farmácia Westfalen, sustentando o fogo a queima roupa.

O inimigo estava dentro da Lapa! Com um pouco mais de esforço, poderia apoderar-se das transversais à Rua Boa Vista, cortar as comunicações com o resto da praça, levar de vencida os 2 canhões daquela rua e os 2 do Largo da Cadeia e conquistar a cidade, ou, quando nada, reduzir-nos a um perímetro limitadíssimo.

Felizmente, porém, não trazia reservas que lhe permitissem levar adiante a vitória parcial que tinham conquistado. Não fôra essa imprevidência sua, estariam perdidos, porque, da mesma sorte, Carneiro não dispunha de reservas com que acudisse aos pontos atacados, pois, nem mesmo poderia valer-se de elementos tirados dos outros setores, o que importaria em facilitar a abertura de novas brechas.

A reserva única com que contava era influência móral da sua presença que nunca nos faltou, sobretudo nos momentos de perigo como aquêle que estávamos atravessando.

Lebon, que ignorava a imprevidência do inimigo, comprehende a gravidade da situação e pede socorro a Serra Martins, antes que êle tentasse os movimentos a que acima nos referimos.

Não o fêz em vão — O venerando Coronel, projecto em anos, com aquela bravura tão sua, pistola em punho, corre à frente de um pequeno pelotão, como se fôra um jovem Alferes e, a passo de carga, rechassa o inimigo, forçando a recolher-se para o interior da casa.

Seis ou oito homens, de fisionomias estranhas, cabelos compridos até os ombros, ficam estendidos na rua para não mais se levantarem.

É neste momento, que podemos chamar fatídico, que surge Carneiro, acompanhado de seus Ajudantes-de-Campo Tenentes-Coronéis Emílio Blum e Líbero Guimarães.

Ao mesmo tempo Joaquim Lacerda e Augusto Sisson acorrem trazendo um pequeno refôrço.

Ja soar a hora mais trágica e decisiva do cerco da Lapa — Dirigia o Cel Carneiro pessoalmente as medidas para a expulsão definitiva do inimigo, quando, em dado momento, com aquela sua presença de espírito, volta-se bruscamente e corre a amparar nos braços o Ten José Henrique que tombava mortalmente ferido. Este gesto de desprendida solidariedade humana, descobre-o ao inimigo que o alveja, ferindo-o igualmente de morte.

Emílio Blum e Joaquim Lacerda vêm em seu socorro e êle, mostrando-lhes a mão direita ensanguentada, como que para fazê-los acreditar que o ferimento era leve, dirige-se amparado pelos dois para a casa do professor Pedro Fortunato, vencendo naquele estado mais de 200 metros de percurso.

O combate, porém, não cessa, continua cada vez mais violento; Lebon Regis cai gravemente ferido; o Alferes Francisco Fidêncio Guimarães do "Floriano Peixoto", auxiliar de José Henrique, tem a mesma sorte do seu chefe; diversas praças são postas fora de combate por ferimento ou morte.

A situação era aflitiva — De posse daquela brecha, poderia receber reforços, irromper novamente na Rua Boa Vista e dela se apoderar.

É então que Sisson, consegue com dificuldade arrastar o canhão, conteira-o para a casa e sem mesmo fazer pontaria, pois, estava a "tiro de pedra", põe-no novamente em ação.

Parte uma primeira bala e, logo a seguir uma segunda; a intensidade do fogo defensor diminui e alguém, aproveitando a circunstância, aproxima-se e atira pela janela um petardo de dinamite. O efeito não se faz esperar: as explosões das granadas e do petardo põe os ocupantes em confusão e a nossa infantaria expulsa-os a ponta de baioneta e os persegue até fora dos limites do quintal, por onde tinham penetrado, com perda de 8 homens mortos e muitos feridos.

No interior da casa, deparamos com uma cena consternadora: o proprietário Miguel de Paula e sua esposa jaziam estendidos no chão sem vida; e sua neta uma mocinha de 14 anos, com as pernas decepadas.

Estava terminada a luta neste ponto, porém, continuava em outros da Rua Boa Vista, pois, diversas casas tinham sido ali ocupadas pelo inimigo.

Era árdua a luta para expulsá-los de casa em casa e, no assalto a uma delas, perde a vida o saudoso Comandante Amynthas de Barros, do "Floriano Peixoto".

Enquanto se desenrolavam estas ações a W da cidade, outras ocorriam de não menos gravidade, nos demais setores.

Na extremidade da Rua Boa Vista, Clemente Argolo é duplamente atacado: do Cemitério, pela frente e da Rua das Tropas pelo flanco esquerdo.

A este opõe parte dos infantes do "15 de Novembro" e do 111º da Guarda Nacional, que defendia sua trincheira e aquêle revida enérgicamente com seu canhão.

Ferido, continua combatendo até o fim da peleja.

No extremo da Rua do Cotovelo, Ascendino, com seu antiquado canhão anticarga "La Hitte", e infantes dos batalhões patriotas reage repelindo tôdas as investidas do inimigo.

Neste lado do combate a tudo dirigindo e a tudo provendo, Joaquim Lacerda acudia, com sua reconhecida presença de espírito, ora este, ora aquêle ponto.

Desistindo do oferecimento daquela garantia relativa tranqüilidade, submetia-se às agruras do cérco, aos perigos constantes nas ruas, em casa, nos quintais, sob o sibilar das balas e estilhaçamentos das granadas, dos arrasamentos de cumieiras e esburacamento de paredes, às cenas dolorosas de sangue, de gemido, de dor e de morte.

A mulher lapeana foi uma heroína.

O dia 8 transcorreu calmo; o cansaço nas hostes inimigas era grande.

As 11 horas falecia o Cel Dulcídio Pereira, inhumado nesse mesmo dia na sacristia da Igreja da cidade.

Fui fazer minha visita a Carneiro. Apesar da grande expressão de sofrimento que tinha na fisionomia, ainda era o mesmo homem. Estando tranhando não ouvir o ribombar do canhão disse-me: "Não abandone sua trinchreira. Vá, vocês serão recompensados".

Clemente Argolo, Cesar Franco e Clementino Paraná, na visita que lhe fizeram, recolheram as seguintes palavras: "Os senhores também estão feridos, vão se tratar e voltam às trincheiras para defender a República". Em seguida justificando um forte gemido ainda disse: "Nos lugares para onde concorrem feixes nervosos os ferimentos são muito dolorosos".

A praça estava sem comando desde o dia 7, talvez em consideração ao grande chefe que ainda vivia.

Às 6 1/2 da tarde desse mesmo dia 9 falece Carneiro.

Muito embora procurassem impedir a divulgação de tão infâesta notícia, ela correu celeremente por toda a cidade.

Não houve força que detivesse oficiais e soldados nas trincheiras, todos profundamente comovidos, queriam ver pela última vez o grande chefe.

Vestido com o seu uniforme de Coronel de Engenharia, envolto na bandeira do 17º Batalhão de Infantaria, foi transportado, à noite, à Igreja Matriz onde permaneceria aguardando inhumação, velado pelos companheiros de folga.

Na manhã do dia 10, descia à sepultura aberta na sacristia daquela Matriz, o Corpo do ínclito Coronel Antônio Ernesto Gomes Carneiro.

Morto Carneiro — morria a Lapa. Tombava com seu grande comandante.

No dia 10, o Cel Lacerda respondendo a uma pergunta minha, relativamente a anormalidade perigosa em que se encontrava a guarnição disse-me: "Amanhã teremos uma solução".

E com efeito, no dia 11 Laurentino Pinto oficiou ao Cel Joaquim Lacerda convidando-o a depor armas, mediante ajustes prévios para uma capitulação honrosa, visto como todo o Paraná já estava em mãos dos revolucionários.

Convocados os oficiais e discutido amplamente o assunto, ficou resolvido, por maioria de votos, que se mandasse uma comissão ao acampamento inimigo para certificar-se da idoneidade da proposta e tomar conhecimento das cláusulas oferecidas.

Esqueceram, porém, os chefes de adotar medidas preventivas, de regra em casos tais, que nos acautelassesem de surpresas na hipótese de não ser encontrada uma fórmula satisfatória para as duas partes contratantes e o resultado dessa grave omissão não se fêz esperar.

A comissão composta de Libero Guimarães, Vilas Boas e Carlos Waldhausen, como exorbitando do mandato, regressou à Lapa já em companhia de Laurentino Pinto, com seu Estado-Maior e grande número de oficiais e praças.

Ao mesmo tempo, os federalistas foram-se introduzindo na cidade, infiltrando nas trincheiras e confabulando com os defensores que abandonavam os postos como se tudo estivera consumado.

Desta sorte, pode-se dizer que, antes mesmo que se tivesse assinado o termo de capitulação, já a Praça estava em poder do inimigo!

A consequência final desse lamentável estado de coisas foi ainda mais dolorosa com a deselegância dos negociadores com uma parte de nossos companheiros de lutas e sofrimentos, pois, enquanto obtinham a garantia de vida, liberdade e propriedade para todos os civis que tinham pegado em armas, entregavam prisioneiros os soldados do Exército da 1^a Brigada e da tropa Divisionária!...

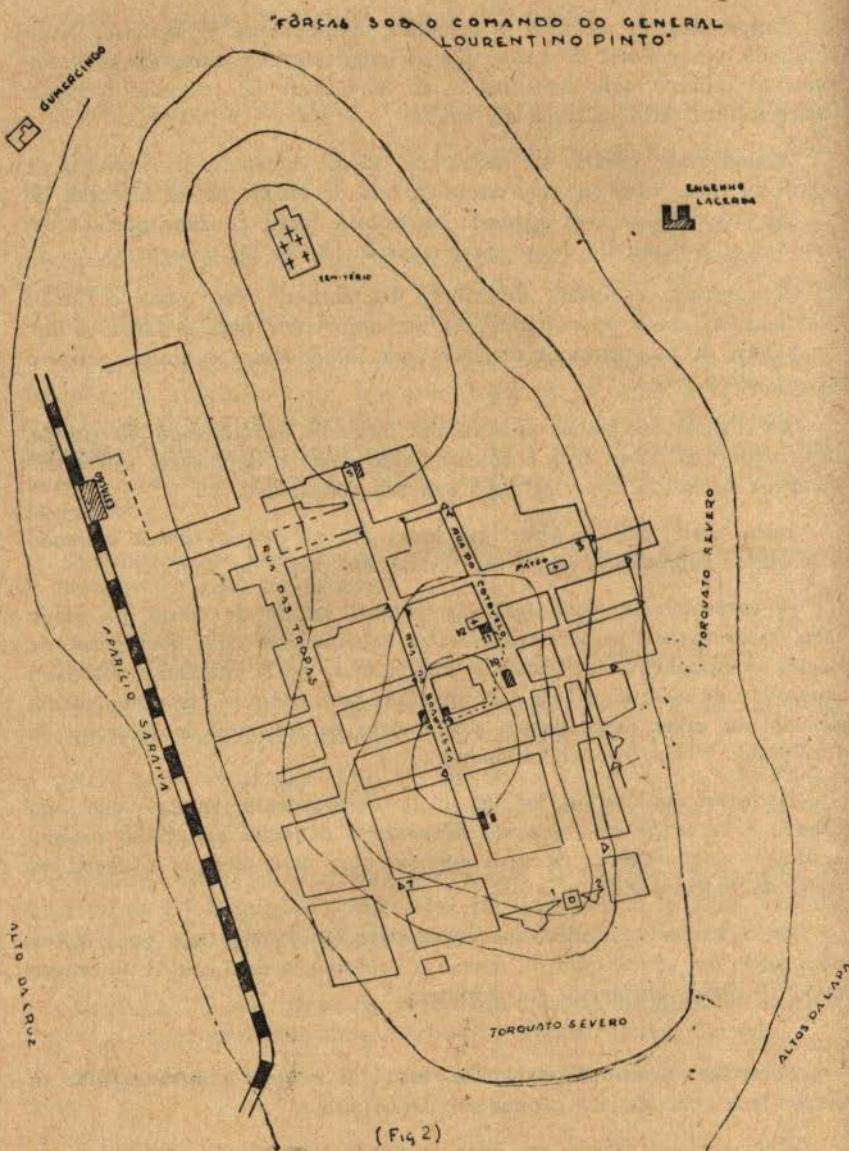
Não sei exprimir a máguia, o constrangimento (e por que não dizer?) a vergonha com que nos despedimos daqueles abnegados amigos e bravos colaboradores, de uma epopéia que, para eles, se apagava na treva da ingratidão.

As cláusulas concedidas na capitulação de Tijucas não poderiam e nem deveriam ter servido de norma à capitulação da Lapa. A diferença entre as duas resistências foi profunda.

Posso ter claudicado na forma, mas, fui íntegro e intransigente na sinceridade com que me propus ser verdadeiro.

Estas páginas devem ser lidas, portanto, únicamente com o aspecto e caráter simplesmente narrativas que lhes dei.

Curitiba, 1 de fevereiro de 1944 — General Mário Tourinho.



Observação:

A página 26 dos Anais da Revolução consta a seguinte observação sobre o General Mário Tourinho :

"Pede a palavra o Desembargador Henrique Fontes: "Senhor Presidente, a mingua do tempo não permitiu, infelizmente, ouvíssemos a leitura completa da preciosa contribuição que ao Congresso trouxe o respeitável Sr. General Mário Tourinho. Do que foi lido fica, porém, patente a excelência do trabalho. Pode-se aqui repetir o dito do poeta latino: *Ab uno disce omnes*, "por um julga 'todos os outros".

A parte de que temos conhecimento, na sua linguagem simples, clara e animada, mostra no autor notáveis qualidades de narrador, bem como grande equilíbrio e serenidade em tratar de acontecimentos em que teve parte e ainda espírito de verdadeiro historiador, pois não se limita à exposição dos sucessos, mas estuda-lhes os acontecimentos e as repercuções.

É, assim, monografia cujo texto completo deve ser incluído em nossos Anais, para larga e justíssima divulgação."

BIBLIOGRAFIA (*)

- "Anais do Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894".
- "O Município da Lapa" — Altamirano Nunes Pereira.
- "Os Fuzilamentos de 1894 no Paraná" — David Carneiro.
- "Dias Fratricidas" — General J. B. Bormann.
- "A Consolidação da República" — Cel J. B. Magalhães.
- (*) A Redação acrescenta as seguintes obras, às citadas pelo Autor:
 - "O Círculo da Lapa e seus Heróis" — David Carneiro.
 - "O Paraná e a Revolução Federalista" — David Carneiro.
 - "A Revolução de 1893 nos Estados de Santa Catarina e Paraná" — General J. C. da Silva Muricy.
 - "Vento Leste nos Campos Gerais" — Rubens Mario Jobim.
 - "A Revolução Federalista" — E. Vilalba.
 - "Gomes Carneiro, o General da República" — Pedro Calmon.